Brazilian Journal of Development

Tempo e espaço: a influência da maritimidade no processo de ocupação pretérita e atual do litoral maranhense

Time and space: the influence of maritimity on the previous and current occupation process of the maranhense coast

DOI:10.34117/bjdv6n1-054

Recebimento dos originais: 30/11/2019
Aceitação para publicação: 07/01/2020

Flávio Ataide Júnior
Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Professor do Instituto Federal do Maranhão (IFMA)
flavio.ataide@ifma.edu.br

Eustógio Wanderley Correia Dantas
Docente do programa de pós-graduação em geografia (UFC)
ewcdantas@gmail.com

Ana Larissa Ribeiro De Freitas
Acadêmica do programa de pós-graduação em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)
ana.defreitas@inpe.br

Edenilson Dutra De Moura
Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
edenilson.moura@unifap.br

Luiz Eduardo Neves Dos Santos
Acadêmico do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC).
Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
luiz.neves@ufma.br

Patricia Costa Ataide
Acadêmica do programa de pós-graduação em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
patriciaataideeduc@gmail.com

RESUMO
O processo de ocupação do litoral maranhense foi marcado por um padrão linear e pontual até meados do século XX, esse povoamento acompanhou as vias de comunicação representadas pelos rios genuinamente maranhenses e seguiu no sentido litoral-sertão. A corrente de povoamento do litoral ou frente jesuíta foi responsável pelo processo de ocupação pretérita no estado do Maranhão em um período de conflitos com os povos indígenas, naufrágios e tentativas de invasões francesas em uma porção do litoral brasileiro esquecido por parte do colonizador. A excelente posição geográfica com

duas saídas para o mar, proximidade com o mercado europeu e sua interconexão com os atuais estados do Pará, Piauí e Ceará fizeram com que o litoral maranhense permanecesse nos planos de ocupação de Portugal e motivasse uma expedição com o intuito de expulsar os franceses o que ocorreu em 1615. Pode-se afirmar que a construção territorial do Maranhão no período que vai do século XVII ao XIX, em sua faixa litorânea, ocorre baseada no reconhecimento do território e no desenvolvimento de atividades econômicas, com destaque para a pesca, rizicultura, algodão e cana-de-açúcar, que compõe os primeiros ciclos e fronteiras econômicas do estado. A respeito do processo de ocupação atual destacam-se atividades múltiplas e dinâmicas que passam a ser incorporadas ao litoral maranhense a partir do século XX, com destaque para os grandes empreendimentos industriais e o ecoturismo. Dentro desse contexto o presente trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de ocupação pretérita e atual do litoral maranhense com destaque para as atividades tradicionais e modernas que atuam como frentes pioneiras de povoamento na zona costeira do estado do Maranhão e no intuito de alcançar os resultados esperados, usou-se como metodologia uma análise diacrônica do espaço em uma pesquisa descritiva e qualitativa apoiada em referências como teses, dissertações, revistas eletrônicas, internet e arquivo público, tendo como principais bibliografias Corbin (1989), Ferro (2012), Lopes et al (2017), Moraes (2000) e Trovão (2008). Por fim percebe-se como o interesse mercantil e exploratório por parte do colonizador foi responsável por estabelecer um caráter de subdesenvolvimento na maior parte do litoral maranhense e que a partir de meados do século XX uma nova frente pioneira com base em atividades modernas como a atividade portuária, industrial e turística passaram a vigorar na faixa do Golfão Maranhense e em pontos específicos do litoral leste como na região dos Lençois maranhenses.

Palavras-chave: Maritimidade, Litoral, Processo de Ocupação e Maranhão.

ABSTRACT

The process of occupation of the Maranhão coastline was marked by a linear and punctual pattern until the middle of the XX century, this settlement accompanied the communication channels represented by the genuinely Maranhão rivers and followed in the coastal-sertao direction. The current of settlement of the coast or Jesuit front was responsible for the process of past occupation in the state of Maranhão in a period of conflicts with the indigenous peoples, wrecks and attempts of French invasions in a part of the Brazilian coast forgotten by the colonizer. The excellent geographical position with two exits to the sea, proximity to the European market and its interconnection with the current states of Pará, Piauí and Ceará have made the Maranhão coastline remain in the plans of occupation of Portugal and motivated an expedition with the intention of The territorial construction

of Maranhão in the period from the seventeenth to the nineteenth century, in its littoral range, is based on the recognition of the territory and the development of economic activities, fisheries, rice, cotton and sugar cane, which make up the first cycles and economic frontiers of the state. respect for the current occupation process stands out multiple and dynamic activities that began to be incorporated into the Maranhão coast from the twentieth century, with emphasis on large industrial enterprises and ecotourism. Within this context, the main objective of this work is to analyze the process of past and present occupation of the Maranhão coast, highlighting the traditional and modern activities that act as pioneer fronts of settlement in the coastal zone of the state of Maranhão and in order to achieve the results a critical analysis of space in a descriptive and qualitative research supported by such references as theses, dissertations, electronic journals, internet and public archives, was used as a methodology. Corbin (1989), Ferro (2012), Lopes et al (2017), Moraes (2000) and Trovão (2008). Finally, one can see how commercial and exploratory interest on the part of the colonizer was responsible for establishing a character of underdevelopment in most of the Maranhão coast and that from the mid-twentieth century a new pioneer front based on modern activities such as activity port, industrial, and tourist attractions became part of the Golfão Maranhense and in specific points on the eastern coast as in the Lençois Maranhenses region.

Keywords: Maritimity, Coastal, Occupation Process and Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

Entre os povos antigos o litoral e o mar estiveram sempre associados a divindades e mitos. O valor simbólico/cultural presente nas passagens bíblicas como as narrativas das histórias de Noé e Jonas, destacavam eventos como o dilúvio, tormentas e naufrágios em um período em que o mar era visto como algo aterrorizante. De acordo com Corbin (1989) as áreas litorâneas no passado possuíam imagens repulsivas que impediam ou limitavam a ocupação desses espaços e reforça essas informações quando afirma que o mar já foi razão de medo e pavor, na mesma perspectiva Enke (2017) relata que nesse período famílias inteiras choravam a perda de seus entes para o oceano, espaço este que ao mesmo tempo chocava por sua impetuosidade, no entanto, atraía por sua imensidão infinita.

Uma viagem pela história nos ajuda a compreender como as obras de arte, a literatura, o cavalgar nas praias e a medicina contribuíram para gerar um novo cenário de atração pelo mar que resultará nas práticas marítimas modernas como o lazer e a vilegiatura. Para Soares (2016) a arte da pintura, a teologia natural, o passear nas praias e a contemplação da variação da natureza são testemunhos tímidos que incorporam uma nova visão do mar a partir dos séculos XVI e XVII.

Esse cenário de medo e pavor que aos poucos evoluiu para a ocupação e valorização dos espaços à beira-mar, alimentou o imaginário de pescadores e navegadores com relação a imensidão dos oceanos, dessa forma, pode-se afirmar que a atração pelo desconhecido e a possibilidade de novas terras e acúmulo de riquezas, foram motivadoras para o pioneirismo e exploração de terras por parte de Portugal e Espanha durante as Grandes Navegações.

Destarte, em 1500 os portugueses atracam em terras brasileiras e iniciam o processo de colonização pelo vasto litoral brasileiro, o IBGE (2011) afirma que essa ocupação era necessária para defender a linha de costa, assim o povoamento e colonização eram essenciais para impedir o acesso de nações inimigas ao continente. De acordo com Moraes (2000) e Barreto (1983), as terras brasileiras nas três primeiras décadas foram esquecidas pelos portugueses e esse desinteresse no processo de ocupação estava relacionado com o comércio lucrativo com as Índias e com o vasto litoral que dificultava uma ocupação plena.

Para Ferro (2012) o receio do colonizador em ocupar o espaço litorâneo em um ambiente hostil e recém descoberto, foi substituído pelo temor das invasões por parte de franceses e holandeses, justificando posteriormente a divisão territorial da colônia em capitanias hereditárias. A respeito desse assunto Moraes (2000) afirma que a instalação portuguesa no litoral setentrional do Brasil iniciou-se com a ação de desalojamento dos franceses no Maranhão, fato que demonstrava o relaxamento das fronteiras, haja vista, a presença de navios franceses com as práticas de escambo ser conhecida e antiga nessa faixa do território brasileiro, porém a expedição que se instala em 1612 na baía de São Marcos apresentava intuito colonizador. O pouco patrulhamento e desinteresse que Portugal mostrava sobre a faixa setentrional do litoral brasileiro é um ponto de destaque nas palavras de Lopes et al (2017) quando o autor afirma que:

> Uma vez constatada a não existência de metais preciosos nas terras portuguesas do Norte da América, não pareceu lucrativo à Coroa portuguesa insistir em sua ocupação imediata. Assim mais um período de hiato é imposto ao projeto de colonização das referidas terras, só interrompido a partir da ameaça real apresentada pela investida da esquadra francesa a partir de 1612 revelando uma preocupação de ordem política e militar por parte de Portugal. (LOPES et al, p. 46, 2017)

As notícias de fracasso das expedições portuguesas na tentativa de ocupar o litoral maranhense com destaque para o naufrágio de Aires da Cunha, logo despertou o interesse da Rainha Regente Maria de Médicis em patrocinar uma expedição francesa liderada por Daniel de La Touche que navegou com uma pequena frota e uma bandeira arqueada com os dizeres bordados pela própria rainha “Uma mulher é a guia de tão grande empresa”. Assim, era fundada a primeira cidade e capital do estado do Maranhão:

Brazilian Journal of Development

> Após a travessia do Atlântico, da França para o Brasil, os franceses passaram a navegar em águas do Maranhão, adentrando na baía de São Marcos, até aportarem na Ilha Grande – Upaon-Açu. E no dia 8 de setembro de 1612, La Touche e seus compatriotas, em procissão, portando bandeiras, com armas da pátria, subiram em uma colina, em frente da atual rampa do Palácio, andaram uns 100 metros, e, no local [...] após solene ato religioso, fundaram a França Equinocial. (FERRO, p. 141, 2012)

Grosso modo, a ocupação francesa no Maranhão e a existência da França Equinocial no Brasil foi efêmera, pois em 1615 as tropas de Jerônimo de Albuquerque em nome dos direitos do Rei de Castela expulsaram os franceses durante a "*Batalha de Guaxenduba*". Para Ferro (2012) as marcas da colonização francesa no Maranhão foram frustradas, pois permaneceram por apenas três anos (1612-1615), fato este que não impediu a construção do ícone arquitetônico do estado o "*Forte de São Luís*" em homenagem ao Rei da França Luís XIII.

Dentro desse contexto que envolve a expulsão dos franceses e ocupação efetiva por parte dos portugueses no litoral maranhense que o artigo se desenvolve, tendo como objetivo principal analisar o processo de ocupação pretérita que ocorreu acompanhando as vias de comunicação representadas por rios como o Itapecuru e o Mearim e a ocupação atual que tem como vetores de atração a atividade turística, a urbanização e a, industrialização. O recorte espacial do estudo engloba os municípios situados no Litoral Ocidental, Litoral Oriental e Golfão Maranhense como mostra o mapa a seguir. (Figura 1)

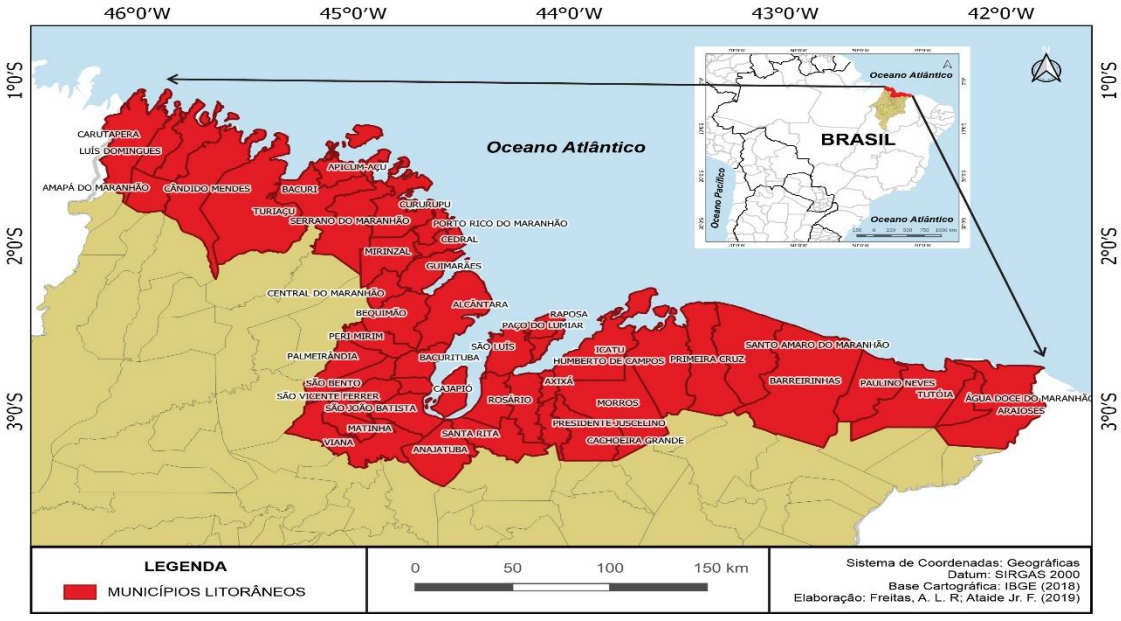

Figura 1: Mapa da área de estudo, Litoral Maranhense.
Fonte: IBGE, 2019.

Brazilian Journal of Development

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia pode ser definida como o conjunto de ações a serem seguidas pelo pesquisador para subsidiá-lo no que diz respeito à tomada de decisões claras e adequadas sobre o objeto de investigação.

> A metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. (BRUYNE, 1991, p. 29)

Como pressuposto metodológico esta pesquisa possui uma abordagem conhecida como Geografia Histórica, pois entende que a concepção de tempo e espaço são totalidades geográficas e históricas produzidas através do metabolismo sociedade-natureza. Dessa forma procurou-se estabelecer correlações entre o processo de ocupação e urbanização do litoral maranhense através do tempo de forma diacrônica com o objetivo de entender as atividades econômicas que exerceram um papel importante na ocupação da faixa costeira no passado e no presente.

A presente pesquisa segundo Vergara (2000) é considerada de caráter bibliográfico e descritiva pois expõe as características de determinada população ou fenômeno, estabelece correlações entre variáveis e define sua natureza. Como procedimento operacional foram levantadas fontes secundárias que abordam de diferentes maneiras o tema escolhido para o estudo, as fontes utilizadas foram artigos, periódicos, livros, dissertações e teses.

Os principais temas destacados na pesquisa foram a maritimidade, a ocupação do litoral maranhense, a frente de povoamento jesuíta e o processo de urbanização da zona costeira maranhense durante os séculos XX e XXI.

3 - O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DO LITORAL MARANHENSE

3.1 - OCUPAÇÃO PRETÉRITA

O processo de ocupação pretérita do território maranhense acompanhou os principais rios do estado que ligavam o litoral ao sertão e ocorreu pela faixa costeira do estado. Essa frente de povoamento ficou conhecida como litorânea ou jesuíta e foi fundamental na construção territorial do Maranhão no período que vai do século XVII ao XIX baseando-se no reconhecimento do território e no desenvolvimento de atividades econômicas ligadas ao setor primário. Sobre esse assunto Ferreira (2017) afirma que desde o século XVII até 1940, a ocupação espacial no estado do Maranhão, esteve vinculada à exportação relativa às culturas de algodão, da cana-de-açúcar e do babaçu que estavam vinculados a interesses externos materializados por França, Portugal, Holanda e Inglaterra, os quais viabilizaram áreas de produção, inserção de mão-de-obra e drenagem de recursos.

Brazilian Journal of Development

A frente litorânea foi formada pelos portugueses, índios domesticados e padres jesuítas que avançaram por toda porção norte do estado do Maranhão. Para Trovão (2008) a frente jesuíta seguiu várias direções mas todas elas partindo da cidade de São Luís e utilizando os rios ou o mar como vias de ocupação e deram origem as cidades mais antigas do Litoral Ocidental e Oriental do estado, tais como: Cururupu, Guimarães, Alcântara, Turiaçu, Carutapera, Icatu, Barreirinhas, e Tutoia. Para o mesmo autor a ocupação do litoral maranhense na sua faixa ocidental foi facilitada pela existência das Rias que permitiam a construção de portos e o escoamento da produção agrícola, por outro lado, o Litoral Oriental foi povoado devido a influência direta de cidades situadas nos estados do Ceará e Piauí que possuíam uma ligação com o estado do Maranhão através de uma estrada que ligava as cidades de Campo Maior (PI) até São Luís (MA).

O papel jesuíta no povoamento do estado é de suma importância, pois, foram responsáveis por influenciar o surgimento de cidades e vilas no interior do estado tendo como principal via de penetração o rio Itapecuru. Trovão (2008) expõe como razões favoráveis para esse processo as condições de navegabilidade do rio Itapecuru e seu papel de ligação entre o litoral e o sertão. Os rios genuinamente maranhenses no processo de ocupação foram essenciais e cumpriam um duplo papel que consistia no escoamento de mercadorias advindas do interior para a sede da província (São Luís) e facilitavam a penetração para regiões mais longínquas no interior do estado.

Ademais, pode-se afirmar que a ocupação portuguesa no período que vai do século XVII ao XIX foi promovida pelo interesse nos diferentes produtos agrícolas que se destacavam nessa parte do Brasil e pela necessidade de povoar o território temendo invasões francesas e holandesas que tiveram tentativas fracassadas de colonização como por exemplo a França Equinocial nas terras que hoje compõe a Ilha Grande do Maranhão.

3.2 - OCUPAÇÃO RECENTE

Para Lopes et al (2017) o estado do Maranhão durante todo o século XX foi marcado por uma economia agrária, no entanto, surgem alguns destaques pontuais no setor secundário condicionados por demandas externas, como é o caso do Projeto Grande Carajás (PGC) e da ALUMAR (Consórcio de Alumínio do Maranhão S.A) que contribuíram para a urbanização da cidade de São Luís. Para o mesmo autor as atividades econômicas que favoreceram a ocupação atual do litoral maranhense podem ser agrupadas em 3 frentes de desenvolvimento: zona de atividades múltiplas e dinâmicas, zona de conflitos ecoturísticos e zona de especulação para aquicultura e pesca de mercado. (Quadro 1)

Nº	Zona de desenvolvimento	Nome da Região de Planejamento

01	Zona de atividades múltiplas e dinâmicas	Região da Ilha do Maranhão
02	Zona de conflitos ecoturísticos	Região dos Lençois Maranhenses
03	Zona de especulação para aquicultura e pesca de mercado	Região do Litoral Ocidental

Quadro 1: Fronteiras geoeconômicas do litoral maranhense.
Fonte: Adaptado de Lopes et al, 2018.

A Região Metropolitana de São Luís (RMSL) é dotada de atividades econômicas múltiplas e dinâmicas com destaque para a atividade portuária, a pesca e a atividade turística. Para Lopes et al (2017) a RMSL, em função de suas características costeiras e marinhas, apresenta excelente potencial portuário, o que viabiliza os processos de exportação e importação desenvolvidos pelos portos do Itaqui (grãos), ponta da Madeira (minério de ferro) e terminal da ALUMAR (alumina). Com relação ao potencial pesqueiro e turístico na RMSL, sobressaem-se os municípios de Raposa e São Luís, com destaque para as belas praias, estuários e uma diversificada gastronomia baseada em peixes e frutos do mar. Para Santos et al (2011) o estado do Maranhão por apresentar 640 km de litoral e uma grande faixa de reentrâncias, baías e estuários, possui condições naturais que favorecem a pesca e uma maior diversidade de peixes.

A cidade de São Luís apresenta um enorme potencial turístico, com destaque para as praias e o centro histórico. Em 2018, São Luís apresentou um aumento de 106% na busca de passagens a partir dos aeroportos de todo o Brasil, sendo um dos roteiros mais procurados do país. Ações como o Reviva e eventos como feiras geram novos roteiros turísticos, que aliados a revitalização do Centro Histórico fazem da cidade um espaço rico em cultura, lazer e gastronomia. (Jornal: O Imparcial, 13/11/2018)

A zona de conflitos ecoturísticos consiste em uma frente pioneira que mescla atividades tradicionais como a pesca e o extrativismo e atividades modernas como a atividade turística com destaque para as cidades de: Barreirinhas, Santo Amaro, Humberto de Campos, Primeira Cruz, Paulino Neves e Tutoia. A cidade de Barreirinhas é considerada como o portal do Parque Nacional dos Lençois Maranhenses (PNLM) e possui uma vocação natural para o ecoturismo, em um espaço rodeado por dunas e lagoas pluviais. O município de Barreirinhas compõe o início do circuito da "Rota das Emoções", roteiro criado em 2005 para integrar as principais atrações turísticas e belezas naturais dos estados do Maranhão, Piauí e Ceará. (Figura 2)

Brazilian Journal of Development

Figura 2: Rota das Emoções.
Fonte: Sebrae, 2018.

O litoral ocidental maranhense corresponde a zona de especulação para aquicultura e pesca de mercado, nessa área a produção de peixes possui como destino o leste do Pará, o Ceará e a porção setentrional do estado do Maranhão. Apesar da grande disponibilidade de peixes e mariscos resultantes do grande aporte de sedimentos nos estuários, manguezais, baías e rias, esse ecossistema costeiro possui poucos investimentos por parte dos diferentes governos no Maranhão e as poucas iniciativas e estratégias de desenvolvimento são pontuais e partem de pequenas cooperativas e associações de pescadores.

Em linhas gerais percebe-se que as atividades econômicas ou frentes pioneiras atuais que incidem sobre o litoral maranhense são marcadas em sua maioria pela atividade turística (ecoturismo) e existem focos de atividades contrastante e modernas como é o caso da RMSL onde estão situadas grandes empresas mineradoras e indústrias extrativas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto percebe-se que a principal corrente de povoamento do estado do Maranhão ocorreu pelo litoral e obedeceu a lógica de imposição mercantil estabelecida pela metrópole portuguesa durante os séculos XVII, XVIII e XIX. O processo de ocupação dessa faixa do litoral brasileiro ocorreu de forma lenta devido o desinteresse por parte dos portugueses gerados pela inexistência de metais preciosos e o intenso comércio lucrativo com as Índias, outro fator que dificultou a colonização portuguesa em terras do Maranhão foi o comportamento hostil dos índios tupinambás que habitavam o litoral maranhense e viam os portugueses como invasores de suas terras.

O relaxamento das fronteiras abriu a possibilidade da invasão francesa e a fundação da cidade de São Luís em 1612, esse período de ocupação francesa foi passageiro quando foram expulsos pelos

portugueses no ano de 1615 em uma expedição liderada por Jerônimo de Albuquerque no intuito de retomar as terras pertencentes a coroa portuguesa. Após esse período as terras que hoje compõe o litoral maranhense passaram a ser ocupadas por colonizadores e padres jesuítas que desbravaram o estado através das vias fluviais com destaque para os rios Itapecuru, Mearim, Munim e Pindaré que faziam a ligação entre o litoral e o sertão maranhense. A corrente jesuíta ou frente de ocupação litorânea recebeu apoio estatal e baseou-se em atividades primárias, dando origem as cidades mais antigas do litoral leste e oeste do maranhão como Alcântara e Icatu.

A ocupação recente das terras situadas ao longo do litoral maranhense possui frentes pioneiras modernas associadas ao turismo, a indústria e a dinâmica portuária tendo como principal foco demográfico e urbano os municípios situados na RMSL. O destaque portuário está no Porto do Itaqui que recebe grandes embarcações e exportam commodities para destinos como a Europa, a China, o Japão e os Estados Unidos movimentando principalmente grãos de soja e minério de ferro. A respeito da atividade turística temos como destaque os municípios de São Luís e Barreirinhas que são frentes modernas de ocupação impulsionadas por planos governamentais de incentivos ao turismo que acabam por induzir e alavancar o setor imobiliário e grandes empreendimentos como resorts e hotéis. Ademais o litoral maranhense possui grande extensão e mescla atividades tradicionais como a pesca, o artesanato e a pecuária extensiva com atividades modernas impulsionadas por sua posição geográfica privilegiada de destaque, tais como atividade portuária, a indústria e o turismo de sol e praia.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luís. F. **Descobrimentos e Renascimento**: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI, 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

BRUYNE, P. **Dinâmica das pesquisas em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ENKE, Rebecca. G. **O Cenário do Vazio**: a inserção do lazer no espaço litorâneo europeu. História e suas Interfaces. Rio Grande, Vol. 8, N.1: 169-188, 2017.

FERREIRA, Antonio. J. A. **A Reestruturação Urbana Maranhense**: dinâmica e perspectivas. São Luís: EDUFMA, 2017.

FERRO, Wilson. P. **Os Franceses em São Luís**. In: NOBERTO, Antonio. **França Equinocial**: Uma história de 400 anos em textos, imagens, transcrições e comentários. São Luís, 2012.

IBGE *(2011).* **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. *Rio de Janeiro: IBGE. p. 67-68.*

LOPES, José. A. V. et al. **Fronteiras Econômicas e Transformações Territoriais**: formatação de espaços e suas dinâmicas sociopolíticas no estado do Maranhão. In: BURNETT, Frederico Lago, LOPES, José Antonio Viana, DIAS, Luiz Jorge (Orgs). **Território, Política e Economia do Maranhão**: quatro séculos de ocupação territorial produtiva sob um novo e desafiador processo de desenvolvimento. São Luís: EDUEMA, 2017.

MORAES, Antonio. C. R. **Bases da Formação Territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

PREFEITO Edivaldo investe em Turismo e São Luís se destaca como destino mais buscado do país. Jornal "O Imparcial", 2018. Disponível em: http://www.saoluis.ma.gov.br/subportal_noticia.asp?id_noticia=22535. Acesso em: 18 de dez. de 2019.

SANTOS, Paula. V. C. J. et al. **Perfil Socioeconômico de Pescadores do Município de Raposa, Estado do Maranhão**. Revista Brasileira de Engenharia e Pesca 6 (1): I-XIV, 2011.

SOARES, Carmen. L (Org). **Uma Educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2016.

TROVÃO, José. R. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís: IMESC, 2008.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo:Atlas,2000.